

Conciliando maternidade e carreira profissional: percepções de professoras do Ensino Superior

DOI: 10.31994/rvs.v10i2.586

Michele Aparecida Silva¹

Michele Morais Oliveira Pereira²

Luiz Guilherme Rodrigues Antunes³

Francieli Dorneles Silva⁴

Michelle Cristina Ferreira Castelari⁵

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as percepções de professoras do ensino superior de uma Universidade Federal do Estado de Minas Gerais que conciliam suas carreiras com a maternidade. A pesquisa foi realizada por intermédio de um grupo focal onde elas expuseram suas percepções sobre o tema. Logo, constatou-se que a maternidade é vista como um marco nas vidas das participantes e o trabalho como fonte de realização pessoal. Além disso, a conciliação, apesar de ser relatada como algo que acontece naturalmente, na prática é algo que traz sobrecarga em relação aos afazeres. Por fim, também se evidenciou que a

¹ Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, e-mail: michele.aparecida@ufv.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3215-6678>

² Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras, Professora de Administração da Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, email: mixmorais@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8859-447X>

³ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras, Professor de Administração da Faculdade São Lourenço, e-mail: luguiantunes@yahoo.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2997-2949>

⁴ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: dorneles.francieli@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4813-1064>

⁵ Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, e-mail: michelecfadm@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8320-074X>

combinação desses papéis, profissional e materno, precisam passar por ajustamentos.

PALAVRAS-CHAVE: MATERNIDADE. TRABALHO FEMININO. PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS.

Conciliating maternity and professional career: perceptions of higher Education Teachers

ABSTRACT

This research aimed to analyze how perceptions of higher education teachers of a Federal University of the State of Minas Gerais that reconcile their careers with a maternity. The research was conducted through a focus group they presented their perceptions about the theme. Therefore, maternity is seen by them as a milestone in the lives of participants and work a source of personal fulfillment. Moreover, a conciliation, while similar to something that happens, naturally, in practice that carries na overload of tasks. Finally, a set of roles, both professional and maternal, were also highlighted.

KEYWORDS: MATERNITY; FEMALE WORK; UNIVERSITY TEACHERS.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, o papel da mulher na sociedade tem ganhado notoriedade, principalmente na luta pela sua inserção social e participação no mundo dos negócios (BANISKI et al., 2016).

Percebeu-se, portanto, que nas últimas décadas houve mudanças nos comportamentos femininos em relação aos seus valores e papéis dentro da sociedade (PEDRO; GUEDES, 2010). Logo, as mulheres puderam gozar de maior liberdade em estabelecer suas escolhas, sobretudo nas decisões de trabalho e vida doméstica.

No entanto, apesar de elas terem ganho destaque social, econômico, cultural e profissional nos últimos anos, também surgiram os conflitos entre construir carreira profissional e/ou zelar pelo lar e filhos, uma vez que o instinto materno e a inclinação pela perpetuação da espécie podem se destacar entre todas as suas conquistas (TIBA, 1996). Em outras palavras, embora muitas delas trabalhem e almejam solidez profissional, a questão da maternidade ainda está controversa e dicotômica em suas decisões.

Nesse sentido, diversas mulheres, que ao optarem pela realização profissional, sofrerem pré-julgamentos sociais devido a essas escolhas, além de adiarem a maternidade para conseguir melhor posicionamento na carreira. Como resultado isso acaba por estender as ideias de serem mãe, e a maternidade pode nunca ocorrer devido a ânsia profissional (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Do outro lado, quando mães, se sentem mais sobrecarregadas pelas suas atividades domésticas, e muitas vezes postergam a retomada ao mercado de trabalho, o que gera descontentamentos e conflitos de conciliação de papéis (BELTRANE; DORNELLI, 2012).

Nesse âmbito emergiu o seguinte questionamento sobre a dicotomia de carreira e maternidade: como as mulheres conseguem conciliar a maternidade e carreira profissional? Para responder a essa indagação recorreu-se a análise da carreira docente em uma instituição federal do ensino superior do Estado de Minas Gerais. Logo, o objetivo da presente pesquisa é analisar as percepções de mulheres, docentes no ensino superior, sobre a conciliação entre a maternidade e suas carreiras profissionais. Especificamente, buscou-se: (i) traçar o perfil das docentes; (ii) verificar o significado da maternidade segundo as mesmas; (iii) verificar

o significado que elas atribuem à carreira profissional e (iv) verificar como estas profissionais conciliam maternidade e trabalho.

Por fim, esse artigo está dividido em mais quatro partes, além dessa introdução. Assim, a seguir é apresentado o referencial teórico abordando a carreira profissional feminina com enfoque na docência. Na sequência são apresentados os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos. Por fim, finaliza-se nas considerações finais e referências.

1 CARREIRA PROFISSIONAL FEMININA: RECORTE SOBRE DOCÊNCIA E MATERNIDADE

Autores como França e Schimanski (2008) e Bruschini (1994) afirmam que a partir da década de 70 no século XX, ocorreram grandes transformações na sociedade, bem como nos meios de produção e na economia o que culminou na entrada das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Ainda intimamente relacionado, elas começaram a competir de igual para igual em um ambiente até então considerado como masculino. Na modernidade, as mulheres podem ser vistas como um símbolo de força e superação, pois se mostraram cada vez mais independentes e passaram a dar novos significados sobre suas atuações na sociedade.

Sendo assim, estas mulheres se tornaram mais conscientes de sua civilidade e de seu valor no mercado de trabalho, bem como mais confiantes em seus relacionamentos pessoais. Elas estão assumindo novas posturas, traçando novo perfil feminino, em que buscam a carreira profissional, recebem salários e não necessitam da figura masculina para sobreviver. Além disso, estão cada vez mais ocupando lugares estratégicos na sociedade e no mercado de trabalho, derrubando barreiras para desfazer preconceitos socialmente impostos (WU; LI; ZHANG, 2019; CÔRREA; AQUINO, 2015; MIRANDA, 2006).

Contudo, dados divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2015), revelaram que o salário delas equivale a apenas 74,5% do salário dos homens, mostrando que “o grande desafio para as mulheres desta geração, é tentar reverter o quadro de desigualdade salarial entre homens e mulheres” (PROBST; RAMOS, 2003, p.7). Nesse sentido, Costa e Androsio (2010) complementam que, após todas essas conquistas e o crescimento das inovações tecnológicas, o papel da mulher na sociedade ainda está arraigado as funções primordialmente tradicionais, que segue os preceitos da divisão sexual do trabalho, onde o homem atua na esfera pública e a mulher na esfera privada (HIRATA; KERGOAT, 2007). Todavia, a mulher contemporânea busca conciliar sua profissão com a função familiar, causando uma dupla jornada, no trabalho e em casa.

A remodelação da sociedade tem alterado as relações entre homens e mulheres, tirando-as da submissão ao homem, principalmente nos negócios. Nessa nova configuração, a mulher tem poder de escolha, sem deixar a consciência de seus direitos e deveres como cidadã (ESPÍNDOLA, 2013). Côrrea e Aquino (2015) destacam que, para as mulheres contemporâneas, o trabalho é de fato muito importante em suas vidas, pois geram prazer, alegria e proporciona a independência financeira e ascensão social. Dessa maneira, o trabalho e a carreira encontram-se vinculados a projeto particular que proporciona satisfação para elas (COELHO, 2001; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Entretanto, as mulheres ainda lidam com uma situação em que continuam recebendo menos e ocupando lugares poucos valorizados, fazendo com que tenham que estudar mais que os homens para ocupar a mesma função no mercado de trabalho (PROBST; RAMOS, 2003). Apesar desta desvalorização salarial, elas desempenham funções variadas, até aquelas consideradas como masculinas (BARBOSA et al., 2011; FABRO; HELOANI, 2010), além disso, estão aperfeiçoando e construindo carreiras acadêmicas.

Nesta acepção, Moschkovich e Almeida (2015) ressaltam que houve aumento da presença feminina na carreira acadêmica do ensino superior público devido a duas razões. A primeira razão consiste nas características da própria profissão, em

que se obtém estabilidade logo na admissão e os sistemas de promoções são bem gerenciadas. Tais características proporcionam condições favoráveis à superação das desvantagens encontradas em outros empregos.

A segunda razão advém da possibilidade de equiparação financeira aos homens, uma vez que a carreira pública não permite discrepâncias salariais por gênero, bem como permitem que elas possam ajudar doméstica, como babas e empregadas domésticas, para auxiliarem nos cuidados com os filhos e com a casa, fazendo assim com que elas possam se dedicar mais nos afazeres fora de casa.

Em um outro sentido, Leone e Baltar (2006) complementam que, em se tratando das mulheres e carreira acadêmica, pode-se verificar avanços em relação ao grau de instrução delas. Apesar disso e de toda mudança de mentalidade que a sociedade vem passando em relação à ascensão da carreira feminina, elas ainda passam por algumas complicações em relação aos seus projetos particulares como, ter filhos, diferenciação de gênero e escolha sobre qual graduação desejam fazer. Sendo assim, adiam planos para serem capazes de gerenciar melhor suas profissões, contando com uma boa rede de relacionamentos, juntamente com suas aptidões pessoais e oportunidades (APARÍCIO; MELLO; OLIVEIRA, 2009).

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) trazem a ideia de que o sucesso na carreira e na vida pessoal são metas das mulheres contemporâneas. No entanto, segundo os autores, para que isso ocorra muitas delas renunciam aos seus sonhos, inclusive a realização em serem mães, por exemplo. Nesse sentido, Moraes (2010) ressalta que a partir da industrialização as mulheres tiveram que dividir os afazeres domésticos com o trabalho e com isso elas passaram a adiar a maternidade para ingressarem no mercado de trabalho. Atrelado a isso, intensificou o uso de métodos contraceptivos, que garantiu a elas maior controle em relação a ter filhos ou não.

A opção pela maternidade está atrelada a várias questões, seja do ponto de vista biológico, pessoal ou social, bem como a busca por um sentido na vida; o desejo de dar continuidade a própria existência; carinho por crianças; condição econômica; a qualidade dos serviços públicos disponíveis; a ajuda ou proximidades com familiares; enfim relacionam-se aos projetos e possibilidades para as mulheres.

A valorização da maternidade ainda é perceptível na sociedade e na vida das mulheres (SCAVONE, 2001; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; BAUMAN, 2004).

As mulheres se veem no empasse de planejar suas vidas de agora em diante usando da conformidade entre seu trabalho e sua vida particular. O sentimento de responsabilidade aparece com mais força para as mulheres, porque elas se inseriram no mercado de trabalho sem deixar de lado os afazeres domésticos (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2005). As mulheres tendem a desempenhar na vida privada maiores compromissos em relação às responsabilidades exercidas pelos homens, pois além de visarem ser profissionais respeitadas e de sucesso também buscam ser mães presentes na formação dos filhos, precisando, assim, se desdobrar em suas jornadas duplas ou triplas para ainda estudar e se aprimorarem profissionalmente (AGUIAR; SIQUEIRA, 2007).

Ao mesmo tempo em que as mulheres são cobradas para terem uma carreira profissional, são pleiteadas também à responsabilidade da criação dos seus filhos (FRANÇA; SCHIMANSKI, 2008). Desta forma, o fato da mulher moderna com o estereótipo de mulher bem-sucedida poder ser mãe e profissional, não cabem na mesma equação, gerando assim conflitos de conciliação de funções (FABRO; HELOANI, 2010). Essa conciliação é muitas vezes penosa para as mulheres e acabam forçando-as a seguir o que é prioridade em suas vidas. Tanure, Carvalho Neto e Andrade (2010) discorrem para o fato de que exista ainda, mulheres que carregam a sensação de culpa em relação ao tempo que não podem se dedicar aos filhos e aos cuidados com a casa. Assim, optam por não ter filhos e seguir com uma carreira profissional (LOUREIRO; COSTA; FREITAS, 2012).

Dessa forma, ao passo em que há uma procura pela profissionalização por parte das mulheres e uma cobrança da sociedade para que as meninas estudem e tenham uma carreira profissional, há também uma expectativa de que um dia o papel de mãe aflore e ela construa uma família (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; TANURE; CARVALHO NETO; ANDRADE, 2010).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para efetivação deste estudo, a abordagem qualitativa foi escolhida como perspectiva metodológica, visto que, partindo de uma realidade construída, emerge, portanto, uma construção do saber pautado em postura interpretativa, na qual o pesquisador e o pesquisado participam ativamente na construção do conhecimento (OLLAIK; ZILLER, 2012; GOLAFSHANI, 2003). Além disso, se caracteriza como descritiva, visto que esse tipo de pesquisa intenciona a descrição e análise, buscando investigar as relações de um fenômeno conhecido (RICHARDSON, 1989).

Como estratégia de pesquisa utilizou-se de um estudo de caso, pois ele pode ser caracterizado como um tipo de análise crítica e profunda de um fenômeno de investigação (YIN, 2001). Assim, os dados foram coletados em uma Universidade Federal de Ensino Superior de Minas Gerais. Decidiu-se por ocultar o nome e informações dessa Instituição a fim de não revelar indícios sobre as sujeitas investigadas.

No entanto, conforme os dados disponibilizados pela Universidade, atuam 157 professores nesse ambiente, do quais 56 são mulheres e 26 são mães. Assim, por critérios de representatividade, enviou-se convites a todas as docentes/mães para participarem da pesquisa, porém somente cinco delas se dispuseram a participar do estudo. Cabe aqui ressaltar que tais sujeitas foram codificadas em P1, P2, P3, P4 e P5.

Logo, como plano de coleta de dados recorreu-se a aplicação da técnica de grupo focal. Justifica-se o uso do grupo focal, pois esse método possibilita interação direta entre pesquisador e sujeitos pesquisados, além de possibilitar a investigação ou a ação em novos campos e gerar hipóteses baseadas na percepção dos informantes (OLIVEIRA; FREITAS, 2006).

Assim, para a execução da técnica procedeu-se três passos, em que o primeiro deles consistiu-se no planejamento do método, ou seja, elaboração do roteiro de perguntas e convite as sujeitas. Já o segundo passo se concretizou na realização do grupo focal. Nesse momento, iniciou-se a aplicação da técnica com a

explicitação dos objetivos das pesquisas e no consentimento delas em participar e em gravar os depoimentos. Em seguida, recolheu-se informações gerais das docentes, como questões sobre estado civil, idade, idade dos filhos, formação acadêmica, nível de escolaridade e tempo na carreira acadêmica, a fim de obter o perfil das participantes. Por último desenvolveu-se a condução do grupo focal guiando-se pelo roteiro de perguntas. O terceiro passo se deu na interpretação dos dados com base na análise de conteúdo, descrito a seguir.

Por fim, como plano de análise de dados efetuou-se a análise de conteúdo temática. A análise temática, ou por categorias, consiste em operações de ‘quebra’ do texto em unidade (categorias), segundo seus reagrupamentos analógicos (BARDIN, 2016). Assim, procedeu-se três etapas, conforme os pressupostos de Bardin (2016), são elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira etapa realizou-se a preparação e organização do material, leitura e codificação. Posteriormente, na etapa de exploração, foram localizados os trechos das narrativas mais pertinentes e adequados as grades fechadas. Tais grades formaram-se pelas categorias perfil das participantes, o significado de “ser mãe”, o significado da carreira profissional e a conciliação de papéis: mãe e profissional. Por fim, foi analisado os trechos buscando confrontá-las com a teoria. A seguir são apresentados os resultados e discussões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados, optou-se por apresentar, primeiramente, a caracterização das participantes, ressaltando os principais aspectos relacionados ao seu perfil, além da identificação de evidências sobre “família” e “maternidade”. Em seguida, são apontados os resultados relacionados ao significado de “ser mãe” descritos pelas participantes. Para compreender a importância da carreira para as mulheres entrevistadas, são percorridos, em seguida,

os significados atribuídos a profissão que exercem. E por fim, os aspectos relacionados à conciliação entre ser mãe e profissional são expostos.

3.1 Perfis das participantes

Conforme a obtenção dos dados, por meio do grupo focal, foi possível estabelecer o Quadro 01 que apresenta o perfil das participantes.

Código	Estado civil	Idade	Número de filhos	Formação acadêmica	Nível de escolaridade	Tempo de docência
P1	Solteira	33 anos	1	Direito	Estudante de Doutorado	5 a 10 anos
P2	Casada	38 anos	1 filho e uma gestação	Ciências Biológicas	Doutorado	5 a 10 anos
P3	Casada	41 anos	1	Ciências Biológicas	Doutorado	10 a 15 anos
P4	Casada	39 anos	2	Engenharia de Alimentos	Doutorado	5 a 10 anos
P5	Casada	36 anos	2	Administração	Doutorado	10 a 15 anos

Quadro 01: Perfil das participantes.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Identificou-se, portanto, que quatro professoras são casadas e uma é solteira. As idades destas variam de 33 a 41 anos. Três delas possuem dois filhos e duas mulheres apenas um filho. A idade dos filhos varia de cinco meses de gestação a 11 anos. Quanto à formação das professoras, duas são graduadas em Ciências Biológicas, uma tem formação em Direito, uma em Engenharia de alimentos e uma em Administração/Economia. Vale ressaltar que quatro são doutoras e somente uma cursa doutorado. Elas atuam como docentes entre cinco a 15 anos. Sobre a escolaridade, a proporção de mulheres com título de doutoras no Brasil vem crescendo e isso gera mudanças muito significativas, se traduzindo em uma busca

pela igualdade de acesso ao doutorado e ao acesso das mulheres a altas posições nas suas carreiras como docentes (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015).

Além disso, o grupo focal também revelou que ao fato de viverem próximo às suas famílias de origem, identificou-se que todas moram distantes, e quando interrogadas se isso interferiu na disposição em terem filhos, a participante P3 ressaltou uma inquietude em relação à falta dessa rede de apoio ao se tornar mãe:

“Olha, acho assim, tipo, **o fato de estar longe da família é um limitador sim**, porque muitas das vezes você não tem com quem contar, e você estar perto da família é um apoio e tanto” (P3).

O discurso da participante P3 retrata a percepção de muitas mulheres (BELTRAME; DORNELLI, 2012), já que a “família ainda representa a principal fonte de suporte informal decisivo para a sobrevivência” de uma pessoa (MELO et al., 2014, p.2), sendo esta, considerada o alicerce em todos os ciclos da vida, inclusive na maternidade (LOUREIRO; COSTA; FREITAS, 2012).

As mulheres se veem no empasse de planejar suas vidas usando da conformidade entre sua vida particular e seu trabalho (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2005; AGUIAR; SIQUEIRA, 2007). Nesta acepção, ao relatarem suas opiniões em relação a escolha da carreira profissional ser um empecilho na hora de pensar em ter filhos, quatro professoras disseram que não houve problemas nesse aspecto:

“isso nunca foi um empecilho para mim até porque **sabia que essa profissão me daria oportunidade de ter filhos**” (P2).

Somente a participante P5 ressaltou que tentou administrar as suas escolhas profissionais e a maternidade:

“eu **busquei terminar o doutorado** e adquirir uma certa estabilidade para depois engravidar”.

Esse fragmento aponta que o adiar da maternidade é uma decisão que está presente nas decisões das mulheres a partir da sua ascensão ao mercado de trabalho, pois antes de assumir todas as responsabilidades que a maternidade exige, elas querem investir em outras questões como estudo, trabalho e então, possuírem estabilidade para criar um filho (TEIXEIRA, 1999). Por meio dos discursos das participantes, percebeu-se que a maternidade, é carregada de símbolos, como é retratado no próximo tópico.

3.2 O significado de “ser mãe”

No que se refere a vontade de ter filhos, identificou-se por meio dos discursos das participantes P3 e P4, que nem sempre estas tiveram o desejo de serem mães, como supliciado a seguir:

“Sempre achei que **era uma coisa que estava lá longe**... Porque na graduação era muito comum ter algumas colegas que sonhavam em ser mãe. E eu não conseguia entender muito bem isso, porque uma produção independente eu não queira, e eu não tinha namorado e então eu pensava assim: “- Se um dia eu encontrar uma pessoa com quem eu vou querer casar aí sim, talvez eu vá querer ter.” E aí casei já mais velha e aí sim eu queria. Tanto que **depois que eu vi que iria casar eu comecei a querer**, mas **não foi um desejo de sempre, de criança**” (P3, casada, 41 anos).

“Eu tinha vontade de ter, mas o meu primeiro filho aconteceu, porque tipo, **eu pensava em ter filhos mais no futuro...foi um acidente!** (Risos). Na hora não foi planejado, mas acabou indo e conciliei com o doutorado. E o segundo já foi mais planejado (...) aí foi mais fácil” (P4, casada, 39 anos).

Os fragmentos “era uma coisa que estava lá longe”; “depois que eu vi que iria casar eu comecei a querer” e “eu pensava em ter filhos mais no futuro” dos discursos das participantes P3 e P4, corroboram com as questões apontadas na literatura, em que a maternidade é visualizada por muitos como uma opção e não uma imposição aliada ao casamento e que ela envolve aspectos como – encontrar o

parceiro certo, ter uma estabilidade profissional, financeira e emocional (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Sobre os significados da maternidade, em um dos relatos, identificou-se uma visão da maternidade como um desafio, o que vem confirmar Badinter (1985) ao dizer que muitas mulheres notam dificuldades em abrir mão de sua liberdade para se dedicarem aos filhos.

“Porque assim, tipo, eu sempre via a maternidade como uma questão assim, de você estar abrindo mão o tempo todo. Então tinha essa questão do ir e vir hora que eu queria, acordar, a hora que eu queria, comer a hora que eu queria, de fazer o que eu queria né? Então eu sempre gostei muito disso, então eu não sei se estava disposta a abrir mão disso. Então, eu acabei priorizando outras coisas porque eu não tinha nem certeza se eu queria ser mãe mesmo, mas aí eu casei e aí pensamos... porque não? ” (Todas riram) (P2, casada, 38 anos).

Em relação ao amor que elas têm pelos filhos, um dos relatos de uma participante levou as outras professoras a se emocionarem.

“O amor por um filho é um amor diferente de todo amor que você já sentiu... É um amar diferente de tudo que você sabe de amor. Porque assim... Primeiro a gente conhece aquela paixão de adolescente que é uma coisa assim, tipo, o maior amor do mundo é o que adolescente sente, não é verdade? Aí depois quando você amadurece um pouco, percebe que o amor é uma coisa assim, mais tranquila. Filho é mais surpreendente ainda. Porque pra mim, filho foi uma coisa assim, que me trouxe muita paz... Muita mesmo, (pausa) mas ao mesmo tempo assim, é uma coisa muito grande que se expande, é uma coisa assim de calma, mas ao mesmo tempo assim, de uma magnitude enorme. E é uma coisa assim, calma demais sabe? Mas de uma hora pra outra, o negócio assim aparece e cresce e é isso, é grande” (P3, Casada, 41 anos).

O discurso da participante P3 vem de encontro à afirmação de Teixeira (1999) e outros autores ao descreverem que o “instituto maternal” possibilita as mulheres a um amor sem fronteiras. Após a colocação da participante P3, a participante P2 que anteriormente tinha dito que não tinha certeza, no passado, sobre ser mãe, complementou:

“Mas quando você tá vivendo não é igual quando você vê o cenário de fora, é diferente, olhando por fora a gente acha mesmo que a maternidade é uma coisa restritiva. Quando eu botei o olho nele, no meu filho, **acho assim (pausa) que a maternidade nasceu em mim ali**. Porque eu não tinha esse amor pela barriga entende? Mas quando eu o vi... Explodiu um amor tão grande que eu saí da maternidade com a certeza que eu queria ter mais um, mais dois” (P2, casada, 38 anos).

Emergiu, por meio dos relatos, os sentimentos que sentem por “ser mãe”. Evidenciou que se trata de um amor “puro”, “forte e intenso” e que “apenas quem vive essa experiência da maternidade saberia o que elas estavam falando”. Relataram a alegria ao vê-los ao chegarem do trabalho, ouvirem suas primeiras palavras e falaram sobre as atividades que os filhos desenvolvem com os pais. Confirmando o que Beschorem (2005) descreve em que a mulher atribui à maternidade, vários significados, no qual não pode ser quantificado, sendo este influenciado constantemente por fatores sociais e psicológicos.

3.3 O significado da carreira profissional

Em relação à carreira de professoras universitárias, questionou-se acerca do porquê dessa escolha. Todos os relatos demonstraram que elas atribuem a escolha desta profissão a um desejo de fazerem aquilo que define suas identidades, pois, trabalham com o que gostam. Dentre as frases mais citadas, estão “eu sempre quis ser professora”; “sonha com quadro de giz”; “desde a graduação eu gostava de ensinar”.

Para melhor compreender os significados que elas atribuem às suas escolhas profissionais foi pedido que elas definissem suas carreiras profissionais em uma palavra. Para a maioria das participantes a palavra “realização” exprime o que sentem em relação à profissão que exercem. “Realização profissional” segundo Guimarães (2005) é uma busca contínua do bem-estar profissional, e está associado a fazer algo no qual a pessoa se identifique e que traga alegria, caracterizado pela afetividade positiva pelo trabalho.

Para a participante P2, a palavra que define sua profissão é “superação”, confirmando o que Guimarães (2005) diz, que o ato de superar algo envolve a busca do seu próprio desenvolvimento e reforça a necessidade de se superar e de crescer profissionalmente e pessoalmente e que isto está diretamente relacionado à transposição de obstáculos.

“Porque todos os dias aqui **eu me supero**. Tem horas que eu penso: nossa eu tinha tudo pra desistir! Aí eu não desisto porque **eu me supero**. Graças a essa oportunidade de ter o emprego que eu tenho posso pegar algum assunto novo e estudar e passar para meus alunos” (P2, casada, 38 anos).

Comumente relacionado sobre superação e realização profissional, as participantes afirmaram que se sentem valorizadas como profissionais, com destaque à valorização pessoal, pois o fato de trabalharem fora de casa as liberam deste sentimento de dependência financeira de alguém. A independência financeira e a busca por uma identidade profissional fazem com que as mulheres se sintam mais reconhecidas e valorizadas, dando assim uma vivência em suas profissões como algo atrativo e cheio de sentido (SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010; SMEHA; CALVANO, 2009). Os discursos que se seguem evidenciam esse pensar por parte das professoras participantes:

“Você se **sente mais valorizada** também, por não depender de ajuda financeira e não precisa se sujeitar por isso né? A relação de respeito é diferenciada, ninguém tem ninguém nas mãos” (P5, Casada, 36 anos).

“Me **sinto muito valorizada** por trabalhar fora. Minha mãe sempre me ensinou a importância de ser independente. E até entre uma relação a dois há um maior respeito por parte do marido. As decisões são todas tomadas juntas, porque você participa ativamente das economias da casa e assim há admiração por ambas as partes. A gente troca muita ideia e isso é legal” (P2, casada, 38 anos).

Garcia e Conforto (2012) confirmam estes discursos ao dizer que a entrada das mulheres no mercado de trabalho tem se comportado como um processo

contínuo e definitivo, impulsionado pela necessidade de liberdade financeira e pela realização profissional por parte das mulheres. A força do trabalho feminino vem alterando não só as características do mercado, como toda a composição da distribuição da renda familiar.

Independente de todas as limitações que a carreira acadêmica acarreta, seja a falta de reconhecimento ou de incentivos governamentais, a carreira de docência é algo nobre, pois é um trabalho que lida diretamente com a formação de indivíduos e, conseqüentemente, tem a capacidade de influenciá-los e mudá-los (TANURE; CARVALHO NETO; ANDRADE, 2010; GATTI et al., 2014).

3.4 A conciliação de papéis: mãe e profissional

A mulher contemporânea procura seguir carreiras onde ela consiga conciliar todos os seus compromissos domésticos e profissionais, de maneira a não comprometer a responsabilidade de cuidar do lar e educar os filhos, principalmente para aquelas que desejam constituir família (APARÍCIO; MELO; OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido, as participantes P1 e P2 afirmaram:

Sempre que eu pensava em maternidade eu pensava: professora é a profissão ideal. E eu consegui conciliar bem todas as coisas que tenho para fazer” (P1, solteira, 33 anos).

Meu emprego permite que eu fique com meu filho nos finais de semana, que eu leve ele no médico se ele precisar, que eu dê janta pra ele todos os dias. Porque eu chego antes do jantar e para mim assim, se for pra parar pra pensar é uma profissão muito boa pra quem deseja ter filhos (P2, casada, 38 anos).

Segundo as participantes, os primeiros meses de vida de seus filhos trouxeram grandes dificuldades, pois o sentimento de dependência exclusiva que os recém-nascidos têm com as mães trazem muitas dúvidas.

Minha mãe ficou 40 dias comigo, aí quando ela foi embora, ela ficou chorando por causa da neta e eu fiquei chorando por causa dela.

Quando eu fechei a porta com minha filha ocupando minhas duas mãos eu falei assim: “-E agora”? Não foi insegurança em cuidar da minha filha, mas é aquela sensação assim, de que eu estava com as duas mãos ocupadas o dia inteiro. É uma demanda exclusiva que o bebê tem com mãe” (P3, casada, 41 anos).

Eu também tive essa sensação das duas mãos ocupadas, porque meu filho teve muitas cólicas e eu passei semanas com ele no colo, e você não consegue fazer xixi porque ele não parava de chorar.” (P2, casada, 38 anos).

Quando a criança está mamando, acaba que ele quer ficar mais com a mãe. Os primeiros meses de vida de uma criança, assim, é um teste de resistência para a mãe (P4, casada, 39 anos).

Por meio das falas, ficou evidente o aspecto de se sentirem o tempo inteiro com as “mãos ocupadas”. Além desta questão, a volta da licença maternidade também foi apontada como uma grande dificuldade que elas tiveram. Vanalli e Barhan (2012) descrevem que mesmo depois de voltar da licença maternidade essa nova mãe agora terá que delegar a função de cuidar de seu filho para uma terceira pessoa e saber lidar com a situação de voltar a trabalhar e organizar os cuidados com os filhos, o que gera um sentimento de incerteza em relação às suas capacidades de gerenciamento das suas novas responsabilidades.

Para mim foi voltar da licença, quando eu parei o carro no estacionamento eu fiquei com uma vontade enorme de voltar para casa. Eu tinha uma ajudante que eu confiava, mas a minha sensação é que ninguém cuidaria melhor dos meus filhos que eu” (P5, casada, 36 anos).

Voltar para o trabalho depois da licença pra mim também foi difícil, mas eu sabia que estava fazendo o melhor para mim e para minha filha” (P1, solteira, 33 anos).

A afirmação de P1 vem de encontro à afirmação de Gonçalves (2004), em que ele salienta que é importante os pais perceberem que o trabalho não é um aspecto tão negativo em relação à criação de seus filhos, pois o trabalho permitirá uma reciclagem no futuro quando os filhos não tiverem tão dependentes.

Ao serem indagadas sobre a conciliação do trabalho com a criação dos filhos, elas revelaram algumas dificuldades em trabalharem fora, além de citarem haver um certo sentimento de culpa por deixarem os filhos com outras pessoas.

Weber et al (2006), em sua pesquisa, constataram que o sentimento de culpa por deixar os filhos com terceiros é mais evidente em mulheres com nível socioeconômico mais elevado, uma vez que o trabalho para elas é uma questão de realização pessoal. Já para as mulheres com baixo nível socioeconômico, o sentimento de culpa não é muito forte, uma vez que o trabalho é uma questão de sobrevivência e deixar os filhos com outras pessoas não é tão penoso quanto para outras mães. Os discursos das participantes P2 e P3 exprimem esta afirmativa:

Dói eu deixar ele em casa e eu ir trabalhar. Até hoje quando a babá vai embora, meu filho chora por causa dela. Não acho que ele estaria mais bem cuidado comigo do que com ela, mas é porque eu não estou com ele o dia todo, não dou banho, não dou comida, não o ponho para dormir. Eu tenho essa culpa porque passa muito rápido” (P2, casada, 38 anos).

Eu acho que o sentimento de culpa é associado a precisar estar sempre presente. A gente tem esse sentimento de culpa por não estar tão presente, mas, por outro lado, nós somos privilegiadas porque podemos continuar trabalhando e ter um emprego que muitas mães, muitas das vezes, não têm” (P1, solteira, 33 anos).

Apesar de se sentirem felizes em ambos os papéis que exercem, percebeu-se, ao longo do desenvolvimento do grupo focal, que a conciliação é muitas vezes difícil e acaba as sobrecarregando com o acúmulo de tarefas que precisam realizar. Isso pôde ser percebido no comentário da participante P5 ao dizer que as mães “são os olhinhos brilhando em meio às olheiras”. Ela diz isso ao falar sobre o fato de estar sempre ocupada, seja com os filhos ou com o trabalho. Alguns relatos, dela mesmo e das outras participantes também apontam o quão difícil pode ser essa conciliação:

Acaba que tem dia que chego cansada e minhas filhas querem ficar somente comigo. Tenho dó delas, mas cansa muito” (P5, casada, 36 anos).

Eu tenho um marido excelente, mas a gente fica assim, com uns 80% dos cuidados com os filhos, porque a criança depende de você, ele quer a mãe (P3, casada, 41 anos).

Assim, a gente tem tanta coisa pra fazer e, assim, às vezes impede a gente de fazer do jeito que a gente queria, mas mesmo assim a gente faz né? Ser mãe e trabalhar fora é exaustivo, mas é bom (P1, solteira, 33 anos).

As participantes do grupo focal atribuíram muita importância ao sucesso da conciliação da vida como mãe e profissional à ajuda que recebem das profissionais de apoio. Nesse sentido, Vanalli e Barhan (2012) afirmam que o cuidado com os filhos vai muito além das tarefas realizadas diretamente com as crianças, porque tem todo o cuidado com a casa também. Portanto, para estes autores, a estratégia essencial para o bom funcionamento da vida das mulheres que trabalham fora é a disponibilidade de babás, ajudantes do lar, e familiares.

Porque assim, eu arrumei uma babá e ela e minha filha se deram muito bem... Então depusitei uma confiança muito grande nela e sei que minha filha está bem cuidada. Isso me tranquiliza e consigo trabalhar em paz (P3, casada, 41 anos).

A minha ajudante é uma 'mão na roda'. Ela pegou o ritmo da casa rápido e assim vou trabalhar e sei que ela dá conta do recado" (P2, casada, 38 anos).

De manhã eu fico com minhas filhas, de tarde tenho uma babá e uma ajudante que me ajudam bastante. Tenho muita confiança em deixar minhas filhas com elas (P5, casada, 36 anos).

Um aspecto importante da conciliação entre a maternidade e a carreiras, para essas mães, é a necessidade de ajustamento entre as atividades que ambos os papéis exigem. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) discorrem que, para a maioria das mulheres e para a sociedade de um modo geral, o melhor seria buscar uma forma de se adaptar à maternidade e ao trabalho. Desta forma, as mulheres que têm como opção serem mães e terem uma carreira profissional, têm encarado esses novos papéis como uma forma de mostrar força e feminilidade.

Minha rotina foi ajustada para que eu consiga exercer as duas funções. Eu passo o dia trabalhando e quando chego em casa, eu estou com saudade do meu filho, e estou com ânimo para fazer coisas com ele que talvez se eu tivesse passado o dia com ele eu não poderia estar. Eu percebo que eu tenho pouco tempo com ele, mas eu tenho uma qualidade de tempo muito boa (P2, casada, 38 anos).

Meu turno de trabalho é diferente do turno de trabalho do meu marido então ele teve que assumir mais responsabilidades com as meninas, então ele fica com elas à noite. Fomos combinando nossos horários e hoje dá muito certo” (P5, casada, 36 anos).

Falta tempo pra você. Isso é uma coisa ruim também da maternidade. Mas aos poucos vai se ajeitando, vai vindo naturalmente, e aos poucos você consegue ter mais tempo para se arrumar, para sair com amigos, porque atrás da mãe também existe a mulher né? E essa mulher não pode ser esquecida. Então, essa conciliação pesa sim, mas aos poucos ela vai deixando de ser pesada, a gente vai aprendendo a dinâmica da convivência e vê que pode ser muito prazeroso ser mãe e profissional (P1, solteira, 33 anos).

Os relatos das participantes confirmam o exposto por Beltrame e Donelli (2012), que salientam, que a compreensão entre a maternidade e carreira profissional, faz com que as mães criem estratégias de conciliação em ambos os papéis, levando em consideração o arranjo que cada família faz com as tarefas do cotidiano a fim de tentar diminuir a crença de que a mãe é a única capaz de cuidar dos filhos, reduzindo assim, pelo menos em termos sua sobrecarga de funções.

Apesar do desgaste físico, das pressões impostas pelo trabalho e pela família e a culpa por não passarem tanto tempo com os filhos, as mulheres ainda conseguem transformar obstáculos em vontade de seguir em frente. Mostrando, portanto, que o estilo de liderança exposto no mercado de trabalho que atuam é transferido para a busca de um planejamento plausível com de suas funções, fazendo com que se organizem para suprir as exigências de ambos os papéis que exercem (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; TANURE; CARVALHO NETO; ANDRADE, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres estão inseridas na esfera pública, realidade que algumas décadas atrás não era possível. A mulher, possuía como atribuição, o cuidado do lar e a educação dos filhos. A mudança de comportamento das mulheres em relação aos papéis que desempenham na sociedade se reconfiguraram, contribuindo para que as mulheres adiem a maternidade para se desenvolverem profissionalmente. Além do mais, buscam conciliar a carreira profissional e o papel de ser mãe. Diante desta consideração, buscou-se analisar as percepções de mulheres docentes sobre a conciliação entre a maternidade e suas carreiras. Para tanto, o estudo foi realizado com cinco mães que atuam como professoras do ensino superior de uma Instituição do Estado de Minas Gerais e que conciliam suas carreiras com a maternidade.

Dentre os principais resultados, compreendeu-se que, apesar de relatarem que a conciliação entre a maternidade e o trabalho fora de casa se dá de forma natural, existem algumas dificuldades no sentido do acúmulo de funções que elas exercem, o que acarreta em sobrecarregada e preocupação com a educação de seus filhos.

Além disso, mesmo possuindo apoio de outras pessoas, elas ocupam uma posição importante nas decisões que se referem aos filhos e ao lar, fazendo com que assim, surjam sentimento de culpa por não se dedicarem tanto aos mesmos. A configuração de conciliação entre a carreira e a maternidade, portanto, não pode ser categorizada como uma fórmula a ser seguida por todas as mães que trabalham fora de casa, já que cada família irá se ajustar de acordo com a demanda da casa e do trabalho.

Acredita-se que a pesquisa tenha atendido aos seus objetivos, pois foi possível identificar as percepções das mães professoras universitárias sobre a maternidade e a carreira profissional. Nesse sentido, destaca-se a contribuição dessa pesquisa para área de administração, especificamente relacionada aos estudos organizacionais que abordam as temáticas gênero e trabalho.

A limitação encontrada durante a realização deste estudo foi o fato da agenda de trabalho das professoras serem distintas, impossibilitando que todas as mulheres que trabalham na instituição pudessem se reunir na sessão do grupo focal e refletirem sobre o tema, além de exporem suas opiniões e dificuldades.

Sugere-se a realização de novos estudos sobre a conciliação do trabalho feminino com a maternidade envolvendo mais mães e profissionais que atuem em outras profissões, como forma de levar mais mulheres a refletirem sobre a sua importância no mercado de trabalho e sobre os diversos papéis que vivenciam. Também se sugere que estudos sejam realizados com os cônjuges dessas mulheres a fim de compreender suas visões sobre a profissão de suas esposas, sobre maternidade, trabalho doméstico e sobre suas funções, enquanto pais e companheiros. Outra sugestão é uma pesquisa também com professoras que ainda não são mães.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. S; SIQUEIRA, M. V. S. Diversidade cultural no trabalho: os desafios em ser mulher em uma organização financeira. Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração—ENANPAD, Rio de Janeiro, 31, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

APARÍCIO, I.; MELLO, K.; OLIVEIRA, M. V. Desenvolvimento de Carreira: O Papel da Mulher nas Organizações. **Revista Cadernos de Administração**, v. 2, p. 130-148, 2009.

BADINTER, E. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANISKI, G. M. et al. Mulheres empreendedoras: desvelando estratégias e perfil de gestão. **Revista Espacios**, v. 37, n. 37, 2016.



BARBOSA, F. C. et al. Empreendedorismo Feminino e Estilo de Gestão Feminina: Estudo de Casos Múltiplos com Empreendedoras na Cidade de Aracaju – Sergipe. **Revista de Micro e Pequenas Empresas**, Campo Limpo Paulista, v.5, n.2, p.124-141. 2011.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z. **A fragilidade dos laços humanos**. CEP, v. 12031, p. 260, 2004.

BELTRAME, G. R; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, n. 38-39, p. 206-217, 2012.

BESCHOREN, F. C. M. **O conceito de maternidade e de adoção das mulheres inférteis**. 2005. Monografia de Graduação em Psicologia apresentada a Faculdade da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos feministas**, p. 179-199, 1994.

COELHO, V. P. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. 2001. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC/SP. São Paulo, 2001.

CORRÊA, D. P; AQUINO, G. B. Inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho e sua conciliação com a maternidade sob a ótica de professoras do ensino superior. **Revista Científica da Faminas**, v. 11, n. 1, 2015.

COSTA, I. H; ANDROSIO, V. O. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. 2010. Recuperado de <
<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>> Acessado em Junho de 2016.



ESPÍNDOLA, G. **A trajetória do poder da mulher: do lar ao mercado e trabalho.** Curso de especialização em gestão de equipes, 2013.

FABRO, M. R. C.; HELOANI, J. R. M. **Mulher, Maternidade e Trabalho Acadêmico.** 2010. Tese de doutorado em Educação apresentado a Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: 2010.

FRANÇA, A. L.; SCHIMANSKI, É. Mulher, trabalho e família.: Uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. **Emancipação**, v. 9, n. 1, p. 65-78, 2009.

GARCIA, L. S; CONFORTO, E. A inserção feminina no mercado de trabalho urbano brasileiro e renda familiar. **Saúde em Debate**, v. 36, n. 95, p. 523-532, 2012.

GATTI, B. et al. **A atratividade da carreira docente no Brasil.** Fundação Victor Civita, 2014.

GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. **The Qualitative Report**, v.8, n.4, p.597-606. 2003.

GONÇALVES, A.C.A. **As dificuldades na relação entre pais e filhos.** Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, F. A. L. **Realização profissional, prazer e sofrimento no trabalho e valores: um estudo com profissionais de nível superior.** 2005. Dissertação de Mestrado apresentado a Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n.132, p.595-609, set./dez.2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2015. Recuperado de < <https://ww2.ibge.gov.br>>. Acessado em junho de 2016.



LAGES, S. R. C.; DETONI, C.; SARMENTO, S. C. **O preço da emancipação feminina:** uma reflexão sobre o estresse gerado pela dupla jornada de trabalho. Estação Científica, Juiz de Fora, v. 1, 2005.

LEONE, E. T; BALTAR, P. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. **Revista Brasileira de Estudos de população**, 2006.

LOUREIRO, C. M. P.; COSTA, I. S. A.; FREITAS, J. A. S. B. Trajetórias profissionais de mulheres executivas: qual o preço do sucesso? **Revista de Ciências da Administração**, v. 14, n. 33, p. 130-144, 2012.

MELO, N. C. V. de et al. Consumo por idosos nos arranjos familiares: uma análise por regiões do país, a partir de dados da POF (2008/2009). **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 4, p.841-852, 2014.

MIRANDA, L. C. **A percepção da mulher no mercado de trabalho: emprego, carreira ou vocação.** Rio de Janeiro: Faculdades Ibmecc, 2006.

MORAES, L.L. Maternidade: o sonho de toda mulher? Congresso Ibero-americano de Ciência, Tecnologia e Gênero, Rio de Janeiro, 7, **Anais...**, Rio de Janeiro, 2010.

MOSCHKOVICH, M; ALMEIDA, A. M. F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 3, p. 749-789, 2015.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. Focus group: instrumentalizando o seu planejamento. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:** paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 325-346. 2006.

OLLAIK, L. G.; ZILLER, H. M. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, v.38, n.1, p.229-241. 2012.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. Simpósio sobre estudos de gênero e Políticas Públicas, Londrina, 1, **Anais...**, Londrina, 2010.



PROBST, E. R.; RAMOS, P. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, p. 1-8, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas. 1989.

SANTOS, M. M. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um Estudo Sobre as Primeiras Oficiais aviadoras. **Estud. psicol.**, v. 15, n. 3, p. 259-267, dezembro de 2010.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Revista Interface**, Botucatu, v.5, n.8, p.47-69, 2001.

SMEHA, L, N. CALVANO, L. O que completa uma mulher? um estudo sobre a relação entre não - maternidade e vida profissional. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27. 2009.

TARUNE, B.; CARVALHO NETO, A.; ANDRADE, J. O. Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. **RAE-eletrônica**, v. 9, n. 1, Art. 3, jan./jun. 2010.

TEIXEIRA, E. T. N. **Adiamento da maternidade:** ser mãe depois dos 35 anos. **1999.** Tese de Doutorado apresentado a Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999.

TIBA, I. **Disciplina:** o limite na medida certa. São Paulo: Gomes, 1996.

VANALLI, A. C G; BARHAM, E. J. Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 130-138, 2012.

WEBER, L.N.D; SANTOS. C.S.D; BECKER.C; SANTOS.T.P. Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. **Psicologia Argumento**, v. 24, n. 44 p. 45-54, jan./mar. Curitiba, 2006.



WU, J.; LI, Y; ZHANG, D. Identifying women's entrepreneurial barriers and empowering female entrepreneurship worldwide: a fuzzy-set QCA approach. **International Entrepreneurship and Management Journal**, 1-24. 2019.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Bookman editora, 2001.

Recebido em 04/08/2019

Publicado em 31/10/2019